

Escrita e Psicanálise – da névoa à palavra

Ensaio

Vera Cardoni

Psicóloga, mestre em literatura comparada, escritora.

Sou chamada a refletir sobre os processos narrativos na construção da formação do psicanalista e da própria psicanálise, enquanto referencial conceitual, teórico e técnico. Pensar a concepção da subjetividade e a constituição do comum ao único de cada indivíduo oportuniza a descoberta do fogo e a invenção da roda. Alguns depoimentos retirados de leituras e entrevistas sobre os processos criativos que envolvem as narrativas escritas como resultante circulam no pensamento e ardem por expressão.

Quem narra o contar?

Quem narra o que escuta?

Quem narra ao escrever?

Quem narra o que lê?

Alguma memória e desejo mobilizam a atualização de informações. Há textos de escritores que constroem um referencial sobre seus próprios processos de criação na produção de seus textos literários. Romances, contos, poemas. Estamos diante da narrativa, ou parte da narrativa, em que as palavras escritas ou faladas, ao serem lidas ou contadas, alcançam o próprio existir.

Mia Couto surge nas páginas do livro *E se Obama fosse africano?* (2011). No texto, a língua que não sabemos que sabíamos. Escreve o autor:

Num conto que nunca cheguei a publicar acontece o seguinte: uma mulher, em fase terminal de doença, pede ao marido que lhe conte uma história para apaziguar as insuportáveis dores. Mal ele inicia as narrações, ela o faz parar.
– Não, assim não. Quero que me fale em uma língua desconhecida.
– Desconhecida? – pergunta ele.

– Uma língua que não exista. Que eu preciso tanto de não compreender nada! O marido se interroga: como se pode falar uma língua que não existe? Começa a balbuciar umas palavras estranhas e sente-se ridículo, como se a si mesmo desse provas da incapacidade de ser humano; aos poucos, porém, vai ganhando mais à vontade nesse idioma sem regras. Ele já não sabe se fala, se canta, se reza. Quando se detém, repara que a mulher está adormecida e mora em seu rosto o mais tranquilo sorriso. Mais tarde, ela lhe confessa: aqueles murmúrios lhe trouxeram lembranças de antes de ter memória. E lhe deram conforto do mesmo sono que nos liga ao que havia antes de estarmos vivos (p. 9).

Conclui Mia Couto que, na nossa infância, todos nós já experimentamos este primeiro idioma que seria o do caos ou da ordem do divino, o momento em que a vida de um poderia ser a vida de todos.

A nebulosa de Érico Veríssimo, descrita quando do depoimento compilado em *O romance de um romance* (1999), extraído do acervo literário do próprio autor: “Com o romancista no princípio é um desejo informe, uma área morna e nebulosa, uma ânsia de expressão – uma inquietude que tem raízes muito profundas no subsolo do nosso ser” (p. 4).

Orhan Pamuk, referindo-se a sua necessidade de sonhar através da escrita e sua necessidade diária de devaneio, escreve: “Anseios, ventos e inspirações, aos rezeiros mais obscuros da mente e aos momentos de névoas e silêncio” (p. 79).

São os escritores, narradores de seus processos criativos, que tão bem descrevem a repetida ideia da névoa, nebulosa e algo caótica, que ocorre em cena imaginativa. Ideia bastante aproximada da descrição do estado de inconsciência – consciência vigilante.

Mas o que faria nascer a escrita desse estado?

Diz Mia Couto:

Creio que todos nós, poetas e ficcionistas, não deixamos nunca de perseguir esse caos seminal. Todos nós aspiramos regressar a essa condição em que estivemos tão fora de um idioma que todas as línguas eram nossas, todos somos impossíveis tradutores de sonhos. Na verdade os sonhos falam em nós o que nenhuma palavra sabe dizer (p. 11).

É tarefa psicanalítica traduzir o sonho, a névoa, o caos, a nebulosa. Por aproximação, alavancar a palavra mais disponível ao sentido da tradução necessária. Num primeiro estágio, a atenta escuta para depois sedimentar. Acordar o grifo

falecido do símbolo, na letra, na tecla, no branco do papel, na tela líquida de cristal. Tornar a palavra significada e viva capaz de virar névoa outra vez.

Lembrei-me da leitura de uma entrevista do escritor israelense Amós Oz, em que ele descreve o ato de escrever da seguinte maneira: “Tenho prazer quando termino de escrever. O ato de escrever em si é um trabalho pesado. Escrever é, principalmente, apagar. Para mim, esse é o segredo”.

As narrativas consolam, refere Amós Oz, por serem forma e conteúdo da fala e, também, na escrita. “Se você aproximar sua dor à minha, vai doer um pouco menos. É isso que a boa literatura promove”, afirma o escritor israelense. Quando lemos livros sobre tragédias de outras pessoas, solidão de outras pessoas, consolamo-nos.

Encontramos, assim, a função social e até terapêutica das narrativas compartilhadas, em que a escrita, com soberania, permitiu a perpetuação das escrituras como herança, legado e cultura.

Umberto Eco nos faz pensar que qualquer história que nos contem é um jeito de contar a nossa própria história, e por isso somos constituídos de narrativas. Narrativas e leituras que para além da educação possibilitam o exercício da liberdade e a expressão da criatividade, mas afirma que essas narrativas nos ensinam a morrer.

Clarice Lispector nunca deixou de refletir sobre a escrita e o ato de escrever em seus romances, contos e crônicas. Para ela, vida e escrita se fundem e se confundem de tal forma que é difícil dizer onde começa uma e onde a outra termina. Quando se lê a biografia dela, escrita por Benjamin Moser (2009), fica-se com a impressão de que, se ela não escrevesse, não teria vivido. Segundo ela mesma, o respirar e o escrever são necessidades vitais e conectadas.

A escrita é que dá conta e forma ao pulsional, emergindo, desta maneira, a noção de que a escrita é a narrativa de uma pulsão, vestida de acontecimento, travestida de memória.

Não havia nada que Clarice Lispector desejasse mais do que reescrever a história de seu nascimento. Em anotações pessoais redigidas quando estava na casa dos trinta e morando fora do País, ela escreveu: ‘Eu estou voltando para o lugar de onde vim. O ideal será ir até a cidadezinha na Rússia e nascer sob outras circunstâncias’. O pensamento lhe ocorreu quando estava quase caindo no sono. Sonhara que tinha sido banida da Rússia em julgamento público (p. 21).

A investigação dos mistérios da condição humana é o fio condutor para oferecer um espaço reflexivo e amplo quanto à subjetividade. Assim pensando, construir hipóteses sobre uma teoria também é ato criativo e trabalho reflexivo.

Para finalizar, uma homenagem ao grande ícone literário Gabriel García Márquez, que entre tantos legados e narrativas definitivas da condição humana ofereceu a famosa frase, título de um livro: “viver para contar”.

Contar para ser escutado, escrito e narrado. Contar para ser legitimado e constituído. Imortalizado na névoa.

Referências

CARDONI, Vera. **A estética da transitoriedade** – Arthur Schnitzler e Sigmund Freud. Porto Alegre: WS editor, 2010.

COUTO, Mía. **E se Obama fosse africano?** São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

MOSER, Benjamin. **Clarice**. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

OZ, Amós. Um cético na terra dos profetas. **O Globo**, Rio de Janeiro, 1º de março de 2014. Entrevista via web para Daniela Kresch.

PAMUK, Orhan. **A malaleta do meu pai**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

VERÍSSIMO, Érico. **Romance de um romance**. Porto Alegre: CPGL/ PUCRS, 1999. Coleção mapa. Acervo literário Erico Veríssimo. Original publicado em 1939.

Copyright © Psicanálise – Revista da SBPdePA

Revisão de português: Ana Rachel Salgado

Vera Cardoni

Dona Inocência, 266/201

Jardim Botânico

90690-030 Porto Alegre – RS – Brasil

e-mail: vcardoni@terra.com.br